

ACÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO EM MUSEUS

José M. Brandão

INTRODUÇÃO

As preocupações com a educação em museus são já muito antigas, embora frequentemente se considere ser o Abbé Gregoire, fundador do Conservatoire des Arts et Métiers em Paris (1794 - finais do século XVIII), o grande impulsionador destas questões, preocupado que estava com a formação técnica dos artífices franceses.

No entanto, só a partir do início do nosso século é que se começaram a fazer os primeiros trabalhos de observação dos visitantes e avaliação do tipo e a qualidade das informações fornecidas nos museus, podendo ainda dizer-se que os problemas envolvidos nas questões da acção cultural nos museus só nas últimas duas décadas, têm sido tratados com maior profundidade.

A preocupação com estas questões, têm vindo a ser acompanhada por um esforço visível de renovação das exposições, tornando-as mais apelativas, informativas e acessíveis e, ao mesmo tempo, assiste-se à implementação e desenvolvimento de Serviços Educativos nos grandes museus, agregando técnicos com formação pedagógica. A função destes serviços é sobretudo a de descodificar as mensagens contidas nos discursos expositivos e promover acções de animação que permitam ao visitante atingir facilmente os objectivos "educacionais" da exposição.

A assumpção do valor cultural e pedagógico das exposições, é sobretudo enfatizado pelos recentes Centros de Ciência, instituições sem colecções de base fundadas sobre projectos educativos, cujo objectivo fundamental é a divulgação do conhecimento científico através da utilização da linguagem museológica.

O veículo privilegiado de comunicação é, via de regra, a concepção de exposições temporárias ou de longa duração, de carácter participativo ou interactivo, que pretendem, de uma forma mais ou menos lúdica, familiarizar os visitantes com as conquistas da moderna ciência.

A preocupação eminentemente pedagógica destas exposições revela-se por exemplo no facto de não terem como meta principal a transmissão de um "saber feito", mas pretenderem sim questionar o visitante ou despertá-lo para situações problemáticas e, por vezes, ainda não totalmente resolvidas, como por exemplo o caso de certas exposições sobre problemas sociais e ambientais.

ACÇÃO CULTURAL E COMUNICAÇÃO NOS MUSEUS E NAS ESCOLAS

As colecções reunidas nos museus, constituem um recurso de elevado potencial científico e cultural, passível de se exprimir, por um lado, pela investigação de base produzida sobre os materiais recolhidos, por outro, pela sua capacidade de problematizar, informar, ou influenciar a opinião pública sobre a respectiva temática.

Não há ainda grande experiência na determinação do impacto que as exposições provocam nos visitantes, do ponto de vista do enriquecimento dos seus conhecimentos, ou do ponto de vista da alteração dos seus hábitos e posturas sobre a realidade quotidiana. O trabalho de avaliação das exposições e o estudo dos seus reflexos sobre os visitantes, tem-se orientado sobretudo no sentido da aquisição de dados que ajudem a melhorar a encenação museográfica, nomeadamente sobre a qualidade dos suportes gráficos utilizados e sobre a maior ou menor facilidade da sua leitura e interpretação, e, no caso das visitas escolares, no controlo da aquisição de informação e na compreensão de conceitos básicos.

Tanto as escolas como os museus, são lugares privilegiados de comunicação, embora bastante distintos devido às especificidades de cada um. Por exemplo no que respeita ao sistema "*emissor - meio de emissão - receptor*", este é muito mais complexo nos museus do que o estabelecido no sistema educativo formal, escolar. Nos museus, os emissores não se resumem a um professor, mas são múltiplos e os meios de transmissão variados, fazendo apelo aos vários sentidos. Relativamente aos receptores, estes são à partida (e ao contrário da

população escolar) heterogéneos, trazendo consigo substratos culturais e motivações diferentes.

Contrariamente à escola, que recorre ao discurso verbal apoiado na repetição e a representações uni ou bidimensionais, o discurso museal é centrado (na maior parte das vezes) em **objectos reais**, cuja contextualização é apoiada pelo recurso a diversos meios, nomeadamente filme ou vídeo, fotografias, sons, maquetes etc., reforçado pela utilização de códigos verbais (legendas). Os objectos permitem a criação de simulações da realidade, captada no trabalho de investigação e recolha.

A ESPECIFICIDADE DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM NOS MUSEUS

Embora se possam estabelecer paralelismos entre os objectivos educacionais formulados para determinados conteúdos escolares e os formulados no planeamento de certas exposições, o desenrolar do processo ensino-aprendizagem nos museus é no entanto pautado por diferenças bastante significativas, devido à especificidade dos museus.

As mais importantes especificidades do processo educativo nos museus dizem respeito ao **tempo**, ao **lugar**, aos **objectos** e aos **públicos**. Note-se que o desconhecimento ou minimização da importância destes factores, leva muitas vezes à transposição integral dos métodos pedagógicos escolares para o museu, o que constitui um erro, comprometendo todo o processo.

1. O tempo

O *tempo* é omnipresente na escola e muito variado no museu. Enquanto que na escola, os alunos estão condicionados por horários e currículos rígidos, os visitantes dos museus, salvo os grupos escolares organizados, gozam de uma ampla liberdade de decisão sobre o dia e hora da visita e abandonam o local quando lhes apetece.

De um modo geral, o tempo dedicado à visita é relativamente curto⁽¹⁾, o que significa que a cada módulo ou item, cabem apenas escassos minutos ou segundos de observação. Tal facto constitui um importante condicionamento da pertinência dos assuntos afluídos e da eficácia ou legibilidade dos módulos expositivos, bem como das acções de animação propostas.

2. Espaço

O museu, é um *meio aberto*, facto que se opõe diametralmente ao espaço escolar circunscrito. Os visitantes deslocam-se a pé ao longo de um dado percurso - livre ou sugerido - e a cada momento encontram-se a diferentes distâncias focais dos *objectos* expostos e respectivos suportes, estabelecendo com eles diferentes níveis de relacionamento.

É muito importante o estudo e gestão do espaço no museu, que deve ter em conta não apenas a fadiga física dos visitantes, como também os acessos das crianças, idosos e deficientes, aos vários percursos e/ou módulos expositivos..

A visita em espaço aberto implica a existência de numerosos factores de perturbação (luz, ruídos, pessoas, etc), cuja influência se tenta minimizar no espaço escolar onde se procura manter, pelo contrário, uma ambiência relativamente uniforme e tranquila.

3. Objectos

Os museus são normalmente apontados como os lugares onde se podem ver as *coisas reais* (*). De facto, a especificidade do discurso museal decorre precisamente deste se apoiar sobre objectos, com os

(1) Por exemplo, no Natural History Museum de Londres, a observação dos visitantes permitiu apurar que a duração média da sua permanência é de cerca de 2h e 30m. MILES, Roger, 1994. *Impact of evaluation on the design of exhibitions*. Conf. no Museu de Zoologia da Universidade de Coimbra, Junho de 1994.

(*) Pese embora o facto de serem muitas vezes, por várias razões, usados fac-similes ou modelos reduzidos dos originais.

quais se estabelecem diferentes níveis de relacionamento, através da construção de discursos apoiados em linguagens não verbais.

Pelo contrário, o discurso escolar é sobretudo conduzido por códigos verbais, não obstante o recurso cada vez mais intenso ao apoio de meios audio-visuais, que porém não conseguem superar as "coisas verdadeiras".

4. Público(s)

Também neste domínio há grandes diferenças entre os museus e as escolas. Enquanto que nestas os "públicos" estão nivelados em escalões etários ou níveis de conhecimento e agrupados em turmas mais ou menos homogêneas, naqueles não se conhece nem a sua proveniência, nem o seu *back-ground* cultural, nem mesmo as suas motivações ou aspirações.

Apesar de para cada exposição se definirem **públicos-alvo**, a heterogeneidade de visitantes é grande, devendo por isso ser prevista a possibilidade de existência de diferentes níveis de leitura e interpretação adequados a diferentes tipos de interesses e/ou escalões etários.

Nos anos 50-70, a tendência para o progressivo abandono da interpretação dos objectos em prol de um discurso verbal, manifestou-se pela produção de grandes quantidades de textos, transformando assim as exposições em enormes livros que ninguém lia. Esta tendência começou a esbater-se com a introdução nos anos 80 do domínio dos *media* e o recurso à criação de **exposições participativas**, desenvolvidas nos museus de ciência (Ciências Naturais, Física e Química).

Quer se trate de exposições "convencionais" quer se trate de exposições participativas ou interactivas, pode dizer-se que a educação em museus utiliza uma **linguagem não verbal**, baseada em objectos e em fenómenos observáveis, cuja função é o estabelecimento de um diálogo instantâneo entre o visitante e a exposição.

Nestas condições, pode considerar-se que a aprendizagem nos museus decorre no âmbito de um **sistema informal**, balizado pela aprendizagem voluntária através do recurso a diversas formas e meios de comunicação.

RELAÇÕES MUSEU-ESCOLA

É hoje unanimemente reconhecido pela maioria dos agentes de ensino, que os contactos escola-museu devem ser estreitados. Pelos seus recursos, os museus colocam à disposição do público escolar exposições e acções de animação que, por um lado complementam o trabalho na sala de aula contribuindo para o aperfeiçoamento dos conhecimentos sobre os temas abordados e por outro estimulam a curiosidade e o gosto pela descoberta, motivando uma investigação posterior à visita.

A utilização dos museus como **centros de recursos**, é ainda algo a que não tem sido dada a devida atenção. De facto, pesem embora inúmeros condicionalismos ligados à situação sócio-económica e distribuição espacial dos alunos, ou condicionalismos impostos pela organização e funcionamento do espaço-escola, os alunos deviam ser ensinados e incentivados a recorrerem aos museus da mesma forma que, por exemplo, se lhes ensina e incentiva o recurso às bibliotecas e mediatecas.

O museu poderia então surgir não apenas como um lugar de recolha de informação, como também como lugar de formulação de questões, que seriam posteriormente trabalhadas, quer na escola, quer no próprio museu, nas galerias ou nos "*work-shops*" organizados pelos serviços educativos.

As visitas de grupos escolares numerosos, é algo que merece uma reflexão séria, não apenas da parte dos responsáveis pelos serviços de acolhimento dos museus, mas também da parte dos agentes de ensino de quem - quase sempre - parte a iniciativa das visitas.

Guiar um grupo escolar através da exposição, mantê-lo junto, fornecer-lhes uma conversa erudita e devolvê-los ao autocarro escolar, pode ser a maneira mais fácil de lidar com os visitantes-alunos, para além de ter a vantagem de agradar aos professores e satisfazer o responsável pelo Serviço Educativo. Só que esta prática torna o museu mais próximo da escola fazendo-lhe perder o seu carácter de *media* específico e absolutamente único.

Muitas vezes, a visita dos alunos ao museu é pautada pela preocupação de ver tudo o que o museu tem. Claro que se se fizer uma avaliação sumária dos resultados obtidos com a visita, as conclusões não vão ser pela certa muito positivas: a enorme quantidade de informação não seleccionada, aliada ao cansaço físico do percurso, compromete normalmente o êxito das visitas.

Destas considerações se infere imediatamente que para que as visitas de grupos escolares (inevitáveis por razões que se prendem a critérios económicos e de programação do próprio calendário e horário escolar) possam ser coroadas de sucesso, é necessário um trabalho prévio de **preparação cuidada da visita**, trabalho que deverá - no nosso entender -, ser realizado conjuntamente pelos professores e pelos responsáveis pelo serviço de acção cultural. Este trabalho terá como finalidade não apenas a explicação dos objectivos e módulos da exposição, como também a instrução dos professores na linguagem museal, a definição clara dos objectivos da visita e o fornecimento dos materiais de suporte necessários à sua preparação e discussão.

A preparação prévia das visitas permite ainda fornecer aos monitores do serviço educativo uma informação preciosa sobre a caracterização dos visitantes, ajudando-os a escolher e decidir sobre as acções de animação mais adequadas, e que - tendo em conta a brevidade do tempo dedicado à visita - possam criar as motivações suficientes nos visitantes para que estes tomem consciência da necessidade de enriquecer as suas **pré-concepções** pessoais do(s) tema(s) explorados na exposição. É necessário ter em conta que os visitantes não são culturalmente virgens, e que a exposição deve interagir com o seu suporte cognitivo, permitindo que aqueles se apropriem da exposição.

BIBLIOGRAFIA

- BRAGANÇA GIL, F. (1994) - Museu de Ciência da Universidade de Lisboa. Sua caracterização à luz da museologia das ciências. Museu de Ciência, Lisboa. 34 pp.
- CAMERON, D. (1968) - Un point de vue: le musée considéré comme système de communication et les implications de ce système dans les programmes éducatifs muséaux. *Vagues*, pp. 259-270. Paris, 1992.
- CHAGAS, I. (1993) - Aprendizagem não formal/formal das ciências. Relações entre os Museus de Ciência e as escolas. *Revista de Educação* 3(1) pp. 51-59. DEFCUL, Lisboa.
- GURIAN, E.H. (1982) - Museum's relationship to education. *Museums & Education*, ICOM/CECA. N.Y..
- HOOPER-GREENHILL (1983) - Some basic principles and issues relating to Museum Education. *Museum's Journal*, 83 (213), pp. 127-130. London.
- MUSEUM*, nº 162, 1989 - Les musées et le monde réel. UNESCO, Paris.
- VAN-PRAET, M. (1993) - Reflections sur l'action culturelle et pédagogique dans le musée. ISSOM. Univ. Masaryk. Brno.